

A MULHER E A POESIA

Edigar de Alencar

DOlhar de quando era quando se livrou da poesia se acumulou na alma, nas entranhas, nas lanquetas em uma doravante, por falta de tempo para se ler e releer, que tem a que a de verdade ler poesia. Ler e declarar insistentemente. Ler, releer e releer para se deixar penetrar pela poesia que corria de alguma dessas ilhas.

Com quase dois anos, só agora posso releer, em melhor, ler, detegar e atentamente, sem a superficialidade de primeira leitura, o volume A Drieda e os Dardos. (Luz São José), de Maura de Sousa Pereira. Poesia, repito, não admira leitura, apreciada. Fora de las leitura dinâmica, que pode, ser trabalho, técnica, exercício, mas nunca leitura para conviver e sentir, que é destino e virtude da poesia.

É e certamente, somente agora todo abençoado nos poemas dessa mulher inteligentíssima, que tanto abençoou de longe, que me deixo penetrar pela beleza de um dos mais substanciais livros de gênero que me chegaram desses dias de liberdade decantada. Mas não foi surpresa. Evicte que era participar de verdadeira festa da poesia para, pois e certamente é uma seleção de lindos e principalmente de poemas de outros livros conhecidos do excelente poeta que Maura Catarina apresentou no Rio Grande seja a cidade amada de sua terra.

Já no título do poema de abertura (Bombardeio em Foz), Maura de Sousa Pereira abarca seu gênio e a beleza da poesia, que por si só, não pára de demonstrar e que pela mais bruta... a inteligência ou a sensibilidade.

Escoler-se a alma amantíssima
dentro da terra de solidão selvagem,
dois na mata cortada pelo arrolho...

Empolgada pela musicalidade dos poemas que integram a bonita antologia, ilustrada por Quirino da Campesinista e Hugo Muzil Jr., tenho que voltar páginas de quando a quando para relever-me as belas líricas do poeta-mulher que se entrega ao vento e ao sol e não se deixa abater pelas unhas da vanidade não sempre dorada e fácil.

Impresãoção não ergo a sim ditirambos
• em aletulas
• em hestanas
at pedra e ao dorso do canhão.

Virando é o poeta que como Maura de Sousa Pereira, exuberante e ardente, plena de voluptas e vitalidade, em arrebatamentos de êxtase, não se perturba diante de vicissitudes ou derrotas, e ao contrário delas escava toda a terra dorada que transforma em verbo. Mesmo quando a derrota, que ela aceita como triunfo, se deriva dos anseios pungentes da maternidade frustrada.

«Oh, não te arrependas não
que me deita glória e honra
pois em só via o milagre da árvore estári
cargada de frutos
• o sumo das uvas acastando
dos anos que nunca acrescentaram.»

Na poesia de vários tons de Maura de Sousa Pereira, além dos cânticos de vida e sofrimento, de lúber e festa, há de quando em vez fábulas e alegorias como a da Inocentíssima, de muita percucácia. Mas é na natureza balcânica dos elementos da natureza, principalmente ventos e águas, com as pungências e ansias dos instintos em vibração que Maura de Sousa se transubstancia em poemas e se transforma, ora no redondilha de seu nome, ora numa alegoria do vendaval, para usar suas próprias expressões e metáforas. Diante da subetha antologia que é editada e os Dardos vivemos instintos de completa fascínio e encantamento. Maura de Sousa Pereira, mulher experimentada no ofício de escrever, no jornal ou no livro, e poeta de alta dimensão que se inspira nos mares da sua terra natal, como Cruz e Souza e Lello Delfino.

09c1507-79. MS
24.8 x 10.0